

Com as bênçãos do maestro

No ano do centenário de Moacir Santos, a Casa do Choro dedica outubro à obra do pernambucano; nesta quarta, o projeto Rio de Música apresenta o resultado de uma imersão na música do compositor

AFFONSO NUNES

“Abênção, maestro Moacir Santos, que não és um só, és tantos” — o verso de Samba da bênção, de Vinicius de Moraes e Baden Powell, ganha corpo em outubro no Rio. No ano em que Moacir Santos (1926–2006) completaria cem anos, a Casa do Choro recebe, de 1º a 29 do mês, o Festival Moacir Santos 2026, sempre às quartas e quintas, às 19h, no Auditório Radamés Gnattali. Na quarta, 7, o palco é do Rio de Música, que apresenta o resultado de uma imersão dedicada à obra do compositor.

Braço da ONG Rio de Paz, o Rio de Música é uma iniciativa sociocultural da Zona Norte carioca, fundada em 2013 no Jacarezinho, voltada à democratização do acesso à educação musical e à criação de espaços de convivência e pertencimento. Reúne crianças, jovens, adultos e idosos, além de pessoas com deficiência — a ação conjunta de professores, alunos e comunidade já envolveu centenas de pessoas. Em 2026, o projeto dedicou parte



O projeto Rio de Música é um braço da ONG Rio de Paz, fundada em 2013 no Jacarezinho

de suas atividades ao aprofundamento da obra de Moacir. O concerto de dia 7 apresenta ao público justamente o resultado dessa experiência.

Moacir foi, antes de tudo, o “músico dos músicos”: passaram por suas aulas Baden Powell, João Donato, Sérgio Mendes, Roberto Menescal,

Carlos Lyra, Aírto Moreira e Flora Purim. Nascido em 26 de julho de 1926 em Flores, no Sertão do Pajeú, foi deixado para adoção e salvo pela educação musical: aos 14 anos já tocava vários instrumentos antes de fugir de casa e chegar ao Rio, onde entrou para o elenco da Rádio Nacional no fim da década de 1940.

Foi dele “Coisas” (1965), o disco mais cultuado de sua discografia. Mudou-se para os Estados Unidos em 1967 e morreu em Pasadena, em 2006, aos 80. A obra seguiu venerada pelos músicos e pouco conhecida do grande público até o Projeto Ouro Negro (2001), de Mario Adnet e Zé Nogueira, que completa 25

anos em 2026.

O festival tem idealização e curadoria da flautista Andrea Ernest Dias, autora da biografia Moacir Santos, ou os caminhos de um músico brasileiro (Folha Seca/Cepe), com produção da Fulô Cultural. Realizado pela primeira vez em 2013, no Recife, chega à quarta edição mostrando a produção musical carioca em torno do maestro, dos choros de juventude às construções orquestrais. A abertura, no dia 1º, uniu o Andrea Ernest Dias Quarteto a Mario Adnet. No dia 8, o Quarteto Coisas recupera os choros de juventude de Moacir; no dia 14, a Orquestra Balogun aproxima a homenagem das matrizes africanas; no dia 15, Henrique Band lidera o coletivo “Moacir 360º”; no dia 21, a Orquestra Pro Arte retoma sua homenagem de 2004; no dia 22, o Água de Moringa homenageia os mestres de Moacir, Radamés Gnattali e Guerra-Peixe. O encerramento, nos dias 28 e 29, reúne a Orquestra Furiosa Portátil e o clarinetista Nailor Proveta, veterano das gravações de Ouro Negro.

SERVIÇO

FESTIVAL MOACIR SANTOS 2026 — RIO DE MÚSICA
Casa do Choro (Rua da Carioca, 38, Centro)
7/10, às 19h
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

CRÍTICA DISCO | KIZOMBA

AQUILES RIQUE REIS*

Foi com essa despedida no idioma kimbandu que Ricardo Valverde finalizou a mensagem que, a meu pedido, contextualizava seu novo trabalho. Sem isso, me dificultaria entendê-lo tão profundamente.

Iniciado no candomblé Angola, Valverde recebeu de Pai Kylonderu a digina (nome de santo) de Ymberekwe. Sua Casa é a Kyloatala e ele é Kambando (como chamam ogã em Angola), e lá em sua comunidade, no Cipó Guacú, as pessoas o chamam de Tata Ymberekwe.

Assim, hoje vamos com o álbum “Kizomba” (independente), do vibrafonista, compositor e arranjador Ricardo Valverde, no qual o músico mescla suas raízes ancestrais com o vibrafone e as múltiplas sonoridades afro-brasileiras. Em Kizomba, quase todas as doze músicas estão em kimbandu.

Além de instrumentistas laicos, Valverde convocou músicos ligados

a comunidades de terreiro, que dominam a linguagem que têm nas mãos: o baixista Marcos Paiva e os percussionistas Samba Ossale, Mukambila e Leandro Perez.

Debruçado sobre ritmos e claves do candomblé de Nação Angola, com composições inspiradas nos nkises, Valverde nos revela desde arrebatos, kongos de ouro, sambas kabila e barraventos, até ijexás e quebrados, agregando-os aos ritmos da música brasileira com os timbres do seu vibrafone, como cordões de amarração.

Algumas faixas do trabalho que você ouve completo em <https://11nq.com/61xy936>:

“Arrebate” (Ricardo Valverde):



de): no ritmo que dá título à música, comumente usado na entrada dos mona nkises (filhos de santo) no barracão, no começo da kizomba (festa), o acordeom vem com o vibrafone que lhe abre portas e caminhos para onde o som os leva.

Ritmado pelos atabaques, o tema soa iluminado pelo vibrafone que improvisa, enquanto ouve-se toques delicados da flauta. “Vunge” (Ricardo Valverde): o clarone resenha num duo com o vibrafone. O resultado é de arrepiar. Os atabaques intercedem para amalgamar a massa sonora, de onde as notas do vibrafone vêm balançar no ar, bem onde está o sax soprano que lampeja. Já os atabaques seguram a onda do improviso do baixo. “Kaya” (Ricardo Valverde), um “quebrado” que o vibrafone traz à cena, é o tema que fecha a tampa do jovem álbum de Ricardo Valverde: a guitarra e o baixo vêm com o vibrafone que, “mo-

destamente”, se coloca a serviço da beleza que flui e reflui ao sabor do ofício de instrumentistas que são puro ouro em pó.

“Kizomba” é o momento genial de um instrumentista que tem de figurar na prateleira de mestres da música instrumental do Brasil. Xala ni Nzambi!

Ficha técnica

Ricardo Valverde: composições, vibrafone e arranjos; Marcos Paiva: contrabaixo elétrico; Samba Ossale, Mukambila e Leandro Perez: atabaques. Participações especiais: Pablo Moura (acordeom), Vini Sampaio (guitarras), Sérgio Coelho (trombone) e Phellyppe Sabo (sax soprano, flauta e clarone); Bruno Reis: mixagem, masterização e produção artística; Guilherme Valverde: arte visual e capa.

*Vocalista do MPB4 e escritor